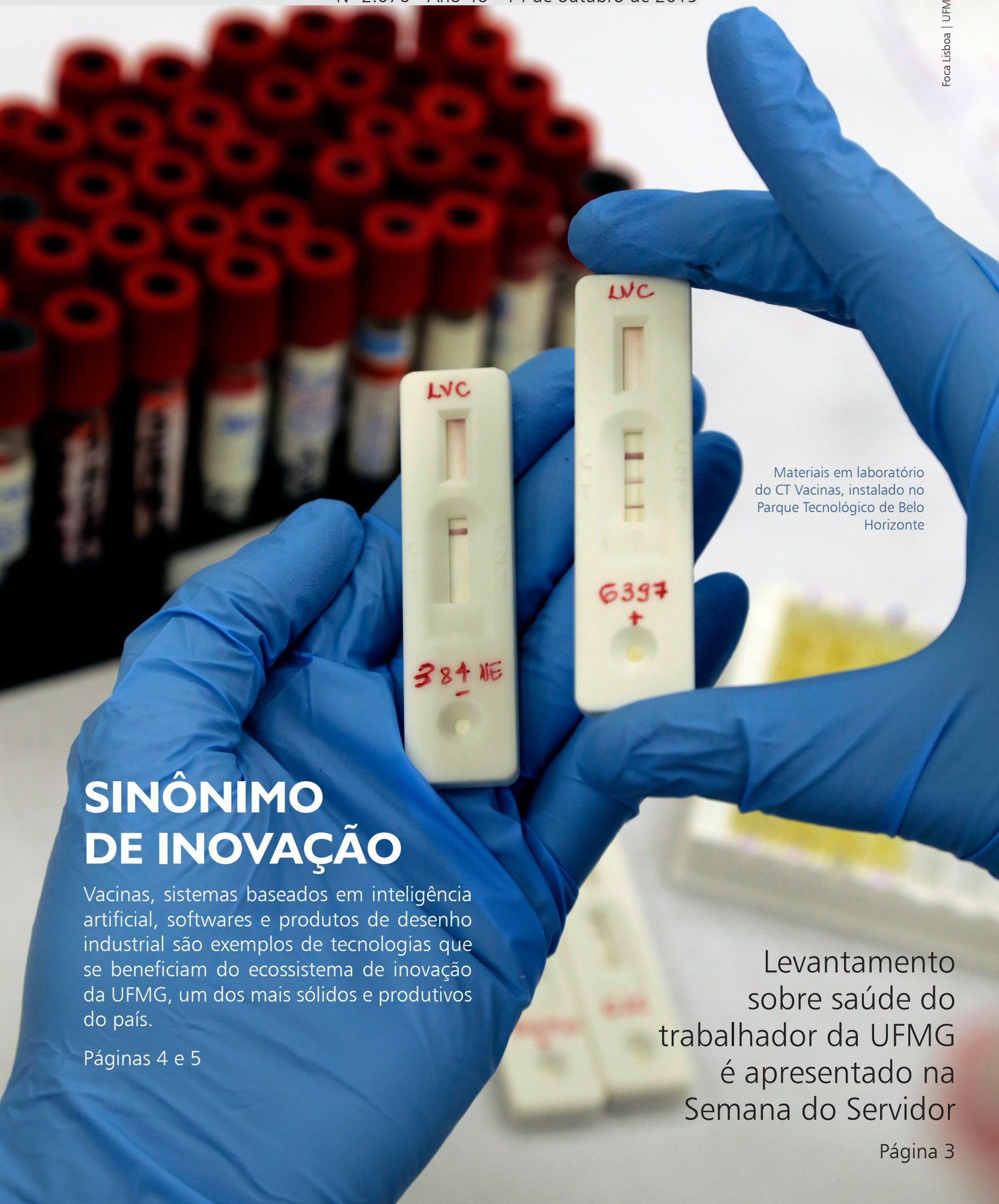
UFMG

Boletim

Nº 2.076 - Ano 46 - 14 de outubro de 2019

Foca Lisboa | UFMG



Materiais em laboratório do CT Vacinas, instalado no Parque Tecnológico de Belo Horizonte

SINÔNIMO DE INOVAÇÃO

Vacinas, sistemas baseados em inteligência artificial, softwares e produtos de desenho industrial são exemplos de tecnologias que se beneficiam do ecossistema de inovação da UFMG, um dos mais sólidos e produtivos do país.

Páginas 4 e 5

Levantamento sobre saúde do trabalhador da UFMG é apresentado na Semana do Servidor

Página 3

200 MULHERES, uma **UNIVERSITÁRIA** e a **INTERRUPÇÃO** voluntária da gravidez

Telma Birchal*

Os canais de TV, as rádios e a imprensa em geral anunciaram, no dia 6 de outubro, a prisão em flagrante de uma universitária – ela teria ajudado, nos últimos três anos, mais de 200 gestantes a interromper a gravidez. No momento da prisão, a universitária estava prestes a realizar dois abortos. Do modo como foi construída, a notícia acentuou a atitude criminosa da mulher diante da lei, o risco que as gestantes correram, os efeitos colaterais dos medicamentos (alguns de uso veterinário), o estágio das gestações (algumas em fase avançada) e, finalmente, as penalidades previstas para a universitária e para as grávidas. Tudo para que o destinatário da notícia se visse diante de um cenário de horror.

Mais uma vez, portanto, não foram a público os motivos das mulheres que, diante de uma gravidez indesejada e da falta de alternativas legais, decidem recorrer a procedimentos clandestinos e arriscados para interrompê-la. Não se falou da legislação brasileira, absurdamente restritiva, que condena mulheres a procurar procedimentos como os que apareceram detalhadamente descritos nos jornais. Diferentemente do que ocorre na maioria dos países desenvolvidos, a lei no Brasil só não pune abortos em casos de estupro, de risco de vida da grávida e de anencefalia fetal.

Quem são essas 200 mulheres? Qual a história de cada uma? Que religião elas professam? Quais seus projetos e esperanças, suas dificuldades e limites? Têm filhas ou filhos? Que motivos estão por trás das decisões que tomaram? Nada disso pode ser trazido ao conhecimento público porque acredita-se que a "criminosa" deva ser punida – ou, alternativamente, "perdoada" por sua atitude irrefletida, como se faz com uma criança ou com um louco. Nunca, porém, ouvida. Humilhada diante dos que a acusam, a "criminosa" se esconde e esconde sua história, suas razões. E tudo continua igual ao que sempre foi, a lei patriarcal nos condena hoje, como ocorria em 1940. Afinal, somos seres infantis e, portanto, devemos ser protegidas de nós mesmas e de nossa insensatez ao pensar em interromper uma gravidez.

Duzentas mulheres procuraram, de livre vontade, a universitária em um período de três anos. Daria o que pensar. Mas não se pensa. Nem a legislação brasileira, nem as reportagens, nem nossos "representantes" políticos querem considerar a experiência real da gravidez e da maternidade. Fica manifesta a crença de que, uma vez grávida, uma mulher automaticamente se transforma em "mãe", nada mais importando, muito menos ela mesma. É comum justificar essa ideia biologicamente, dizendo, por exemplo, que hormônios "disparam", e a mulher grávida naturalmente assume, feliz, a sua condição. No entanto, se considerarmos as mulheres reais, em vez da imagem que delas produz a ideologia patriarcal, o que se vê é a diversidade de significados da gravidez. Uma gravidez pode ser a realização difícil de uma longa expectativa ou uma boa e inesperada surpresa; pode ser entendida como um dever que não se pode deixar de cumprir; pode até ser um acontecimento vivido com indiferença e aceito como outros acontecimentos inevitáveis da vida, um filho que o destino manda, como manda tantos outros eventos marcados pela desesperança. Pode também ser uma verdadeira tragédia para uma mulher. O que define as experiências humanas é a diversidade de sentido que elas têm, e a gravidez é experiência de um ser humano, ou pelo menos assim acredito eu.

Ou seja, na vida real, grávidas não se transformam automaticamente em mães e, por motivos sérios e pessoais, muitas escolhem, em determinado momento de sua vida, interromper a gestação. Sabemos que, no Brasil, cerca de 20% das mulheres entre 18 e 39 anos já interromperam pelo menos uma gravidez. A Pesquisa Nacional de Aborto 2016 entrevistou 2.002 mulheres alfabetizadas de 18 a 39 anos. Destas, 251 (13%) declararam já ter feito ao menos um aborto no decorrer de sua vida. O estudo mostrou, ainda, que "o aborto é um fenômeno frequente e persistente entre as mulheres de todas as classes sociais, grupos raciais, níveis educacionais e religiões".

No contexto brasileiro, a escolha pela interrupção voluntária da gravidez é o início de uma verdadeira *via crucis*, com diferentes obstáculos e sofrimentos, a depender da classe social e das condições de cada grávida. Mulheres pobres são mais expostas a complicações de saúde e, por isso, entram com maior frequência nas estatísticas do SUS; mas isso não significa, em princípio, que a interrupção voluntária da gravidez seja mais comum na população mais carente de recursos. De todo modo, seja o risco de vida para as mais pobres, seja a humilhação para as mais favorecidas, todas somos submetidas a um tratamento injusto e desumano quando se trata de interromper uma gravidez.

É preciso trazer à luz a experiência real e diversa das grávidas. Por esse motivo, aqui e em outras ocasiões, tenho usado a expressão "interrupção voluntária da gravidez" e não "aborto". "Aborto" é termo que não só tem uma carga negativa muito forte, mas também descreve o evento em questão de forma pobre e parcial, pois oculta a mulher grávida e o próprio acontecimento da gravidez. Ora, é sobre uma gravidez que se decide (seja ela legal ou ilegal), e esse processo levado a cabo não só dá origem a uma filha ou a um filho, mas, igual e necessariamente, a uma mãe. É tudo isso que está em jogo, e é sobre tudo isso que devemos falar, se queremos falar de modo correto sobre a questão.

*Professora do Departamento de Filosofia da UFMG

Esta página é reservada a manifestações da comunidade universitária, por meio de artigos ou cartas. Para ser publicado, o texto deverá versar sobre assunto que envolva a Universidade e a comunidade, mas de enfoque não particularizado. Deverá ter de 5.000 a 5.500 caracteres (com espaços) e indicar o nome completo do autor, telefone ou correio eletrônico de contato. A publicação de réplicas ou tréplicas ficará a critério da redação. São de responsabilidade exclusiva de seus autores as opiniões expressas nos textos. Na falta destes, o BOLETIM encomenda textos ou reproduz artigos que possam estimular o debate sobre a universidade e a educação brasileira.

No **CENTRO** da **CONVERSA**

Apresentação de levantamento do Dast sobre saúde do trabalhador da UFMG é destaque da programação da Semana do Servidor

Ewerton Martins Ribeiro

A Pró-reitoria de Recursos Humanos (PRORH), por meio do Departamento de Atenção à Saúde do Trabalhador (Dast), tratou e analisou ampla gama de dados relativos à saúde do trabalhador da UFMG, e essas informações estão sendo apresentadas durante a Semana do Servidor 2019, cujo tema é *A saúde no trabalho*. "Nossa intenção é informar a comunidade universitária sobre esses dados e analisá-los conjuntamente. Queremos ouvir as pessoas", afirma Leonor Gonçalves, pró-reitora adjunta de Recursos Humanos.

Desde o fim de setembro, os resultados do levantamento são abordados em rodas de conversa nas unidades da UFMG. O Dast compilou dados referentes ao adoecimento dos trabalhadores no período 2016-2018, segmentados por áreas e unidades. O levantamento incluiu índices de atendimento por CID (Classificação Internacional de Doenças), tipo de público atendido (por sexo, setores e enquadramento funcional), além de diversos dados relativos à saúde no trabalho, como número de acionamentos de ambulância no período e a abrangência das campanhas de vacinação – a imunização contra febre amarela, por exemplo, realizada em 2017, alcançou cerca de 10,5 mil pessoas.

A UFMG conta com 7.312 servidores: 3.091 professores e 4.221 técnicos-administrativos em educação. No período do levantamento, foram concedidos, por exemplo, 15.323 afastamentos a 3.698 servidores no Dast, entre licenças de curta duração (atestados médicos para afastamentos de até cinco dias ininterruptos e menos de quinze dias no total anual) e perícias médicas (para períodos maiores que cinco dias ininterruptos ou quinze no total anual).

Foca Lisboa | UFMG

Vacinação contra febre amarela: 10 mil pessoas

No estudo, chama a atenção o fato de que o número total de atendimentos no Dast cresceu aproximadamente 46% de 2017 para 2018, em razão, sobretudo, do volume de atendimentos realizados no campus Pampulha, que aumentou 77% no período.

Esporte e festa

A partir do dia 21 de outubro, além da continuação da apresentação desse mapeamento sobre a saúde dos trabalhadores, sempre por áreas e unidades, a programação incluirá mesa-redonda para a exposição dos resultados consolidados – na manhã de sexta-feira, 25, no auditório da Reitoria. Está programada também uma prova de caminhada e corrida, na manhã do dia 22, na Estação Ecológica.

A festa de encerramento será realizada na manhã de sábado, 26, no Centro Esportivo Universitário. As atrações são a final do campeonato de futsal dos servidores e as disputas do 4º Torneio de Peteca e do 2º Torneio de Tênis.

Em Montes Claros, as atividades ocorrerão na terça-feira, 22, com um dia inteiro de programação no auditório do bloco C. A agenda da Semana do Servidor 2019, que se encerrará no fim de outubro, está disponível no site da PRORH: *https://www.ufmg.br/prorh/noticia/semana-do-servidor-2019-saude-no-trabalho/*.

É HEXA!

Pelo sexto ano seguido, ensino da UFMG é classificado como o melhor do Brasil pelo ranking do jornal Folha de S.Paulo

O elevado índice de professores com doutorado e com dedicação integral e o rendimento dos seus alunos no Exame Nacional de Desempenho de Estudantes (Enade) são alguns fatores que fazem o ensino da UFMG figurar, pela sexta vez consecutiva, como o melhor do país entre as universidades públicas e privadas avaliadas no Ranking Universitário Folha (RUF). A edição de 2019 foi divulgada no último dia 7 pelo jornal Folha de S.Paulo.

Na classificação geral, a UFMG ficou em quarto lugar, com pontuação de 96,72, atrás da USP, da Unicamp e da UFRJ. Desde que o ranking foi criado, em 2012, a UFMG sempre esteve entre as quatro melhores do Brasil. A Universidade foi classificada como a segunda melhor do país em Mercado, conforme avaliação feita por empregadores.

Em sua oitava edição anual, o Ranking Universitário Folha (RUF) classificou 197 universidades do país com base em dados nacionais e internacionais e em duas pesquisas de opinião do Instituto Datafolha.

"Esse resultado é motivo de muita satisfação, pois mostra que estamos cumprindo bem a nossa missão", avalia a reitora Sandra Regina Goulart Almeida. Ela lembra que, apesar das diferenças de metodologias, a UFMG aparece sempre muito bem posicionada em rankings internacionais e avaliações institucionais.

Cursos

O bom desempenho dos cursos da UFMG também foi evidenciado no ranking RUF, que, além de examinar o desempenho global da instituição, avaliou 39 cursos superiores. Nessa análise, 25 dos 39 cursos avaliados (64% do total) figuram entre os três melhores do Brasil. Todos os 39 cursos da instituição avaliados estão entre os oito melhores do país. Seis deles aparecem em primeiro lugar: Ciências Contábeis, Enfermagem, Engenharia Ambiental, Propaganda e Marketing (que, na UFMG, tem o nome de Publicidade), Pedagogia e Psicologia.

Lucas Braga | UFMG

Laboratório de Bromatologia do campus Montes Claros, onde são realizadas análises de alimentos constituintes da dieta animal

Ambiente **FÉRTIL** para o **NOVO**

Ecossistema maduro e integrado faz da UFMG uma das instituições brasileiras que mais potencializam a capacidade de inovação de seus pesquisadores

Itamar Rigueira Jr.

Pesquisadores do Instituto de Ciências Biológicas (ICB) da UFMG desenvolveram um processo para vacina recombinante contra a leishmaniose visceral canina, do qual resultou a Leishtec, única aprovada pelo Ministério da Agricultura para o mercado brasileiro. Produzida hoje pela empresa Ceva, a Leishtec gera royalties para a UFMG e é parte de um caminho que levou, por exemplo, à criação do Centro de Tecnologia em Vacinas (CT Vacinas). Casos de sucesso como esse têm-se multiplicado na Universidade e beneficiado significativamente a sociedade brasileira, nas áreas mais diversas – de medicamentos a sistemas baseados em inteligência artificial, passando por softwares e produtos de desenho industrial, entre outras.

Tecnologias e processos inovadores tiram partido de décadas de trabalho realizado por milhares de pesquisadores, mas também de um ecossistema dedicado à inovação na Universidade, que integra a Administração Central a estruturas como a Coordenadoria de Transferência e Inovação Tecnológica (CTIT), o Parque Tecnológico de Belo Horizonte (BH-TEC) e a Fundação de Apoio à Pesquisa (Fundep).

Segundo a reitora Sandra Regina Goulart Almeida, a UFMG tem um sistema maduro e integrado, que oferece suporte de gestão para ações de empreendedorismo, aceleração de startups, proteção da produção científica e licenciamento de tecnologias. "A UFMG foi a primeira universidade brasileira a regulamentar o Marco Legal da Inovação, estabelecendo, assim, uma política institucional para a área", lembra Sandra Goulart, referindo-se à resolução do Conselho de Ensino, Pesquisa e Extensão (Cepe) aprovada no fim de 2017. Instituído em janeiro de 2016, o Marco Legal não é autoaplicável, o que exige que cada instituição de pesquisa faça a sua própria regulamentação.

De acordo com a reitora, graças a essa política a UFMG está preparada para formar alianças estratégicas com o ambiente produtivo local, regional, nacional ou internacional para gerar inovação, fomentar o empreendedorismo acadêmico e desenvolver extensão tecnológica e prestação de serviços técnicos.

"Nosso papel é prover condições e ambiente para que professores e estudantes desenvolvam pesquisa básica e tecnológica que possa gerar inovação", acrescenta o pró-reitor adjunto de Pesquisa da UFMG, André Massensini. A Pró-reitoria coordena a definição de políticas, cadastramento de grupos de pesquisa na base do CNPq, participação em editais públicos e privados de fomento, distribuição de bolsas, além do Portal de Periódicos e de um repositório que reúne toda a produção da UFMG disponível em meio digital.

Ado Jorio é professor do Departamento de Física e liderou pesquisas que levaram ao depósito de 12 patentes para a UFMG – uma delas é a da nanoantena, que atrai e emite ondas eletromagnéticas em escala nanométrica. É autor do terceiro artigo da UFMG mais citado nas bases Scopus e Web of Science e está entre os 13 professores da Universidade que integram a lista dos 100 mil autores mais influentes do mundo. "A UFMG dispõe, em seu ecossistema, de todos os ingredientes necessários para que o pesquisador leve seu trabalho desenvolvido em laboratório para o mundo real. A Universidade oferece condições de pesquisa, compartilha sua infraestrutura, abraça empresas nascentes e apoia seu desenvolvimento", testemunha.

Três pilares

O patrimônio intelectual gerado na Universidade é protegido pela CTIT, que identifica e determina o valor do conteúdo de uma produção científica inovadora, para, então, tornar o produto acessível à sociedade, seguindo a legislação. "Um dos nossos papéis é mostrar às empresas o valor que pode ser adicionado, em forma de parceria, pelos três pilares da atuação da UFMG em inovação, que são o capital intelectual, a tecnologia e a infraestrutura de pesquisa", afirma o diretor da CTIT, professor Gilberto Medeiros Ribeiro.

O conhecimento produzido na UFMG gerou, para ficar em alguns números, 143 patentes concedidas, 1.049 depósitos de pedidos de patente, 670 notificações de invenção, 58 softwares registrados, 106 contratos de licenciamento de transferência, 111 acordos de parceria e R$ 6,3 milhões

oriundos da comercialização de propriedade intelectual.

O INCT Midas e o Laboratório de Ensaios de Combustíveis (LEC) representam bem um dos novos formatos de cooperação, as alianças estratégicas para formação de ambientes de inovação, onde se compartilham infraestrutrura e conhecimento acumulado na UFMG. O LEC, em parceria com a Companhia de Desenvolvimento de Minas Gerais (Codemge), atua na área de combustível de aviação e passou a contar com a estrutura necessária para realizar pesquisa e desenvolvimento tecnológico a fim de aumentar a competitividade de Minas e do Brasil nesse setor. O INCT Midas, por sua vez, iniciou colaboração com o Senai, visando à validação de tecnologias na área ambiental, como as que contribuem para a purificação da água de rios atingidos pelo rompimento de barragens de rejeitos de mineração.

Inovação aberta

Graças a seu ecossistema de inovação, a UFMG tem-se tornado cada vez mais ágil e apta a utilizar toda sua potencialidade, na visão do professor Alfredo Gontijo, presidente da Fundep. Segundo ele, no cenário atual, em que o conhecimento se multiplica exponencialmente, assim como a academia precisa mudar mais rápido, a indústria não pode se isolar, e muitas empresas têm adotado o modelo de inovação aberta, apoiada em conexão com os diversos agentes. "Treinamos pessoas para dialogar com a sociedade *lato sensu*, aproximando a universidade das empresas", diz Gontijo.

A Fundação criou, em 2013, a Fundep Participações S.A. (Fundepar), primeira empresa de investimentos diretamente ligada a uma fundação de apoio. Inspirada em modelo bem-sucedido em países desenvolvidos, a Fundepar gerencia o Seed for Science, fundo de investimento em participações, que apoia o desenvolvimento de negócios de base tecnológica inovadora em estágios iniciais. A iniciativa tem participação da Fapemig e do BDMG.

Foca Lisboa | UFMG

Pesquisadora em laboratório do CT Vacinas, instalado no Parque Tecnológico de Belo Horizonte

No campo da aceleração de startups, a Fundep mantém o programa Lemonade, de caráter multidisciplinar e multi-institucional, que tem o formato de imersão empreendedora. O programa, que apoia a transformação de ideias e tecnologias em negócios e de pessoas em empreendedores, levou a Fundep a integrar recentemente o grupo dos 20 maiores aceleradores no mundo em número de startups, segundo ranking da Global Accelerator.

Uma das iniciativas mais recentes da Fundep e da UFMG foi o lançamento do programa Outlab, exclusivo para laboratórios, com o objetivo de estimular as conexões com empresas e potencializar a ampliação de suas atividades. Vinte e cinco laboratórios foram selecionados para um processo de imersão que durou dez semanas, abrangendo aspectos como cadeia de valor, modelagem de negócios, estratégia de marketing, vendas, negociação e design de serviços, além das conexões propriamente ditas.

Planos de expansão

O Parque Tecnológico de Belo Horizonte, que completou sete anos de operação, abriga 26 empresas, oito delas oriundas da UFMG, e recebe outras sete para o compartilhamento de infraestrutura e do ambiente de inovação. O BH-TEC atingiu 100% de ocupação e já se planeja para a expansão – cerca de 40 empresas demonstram interesse em usufruir do parque.

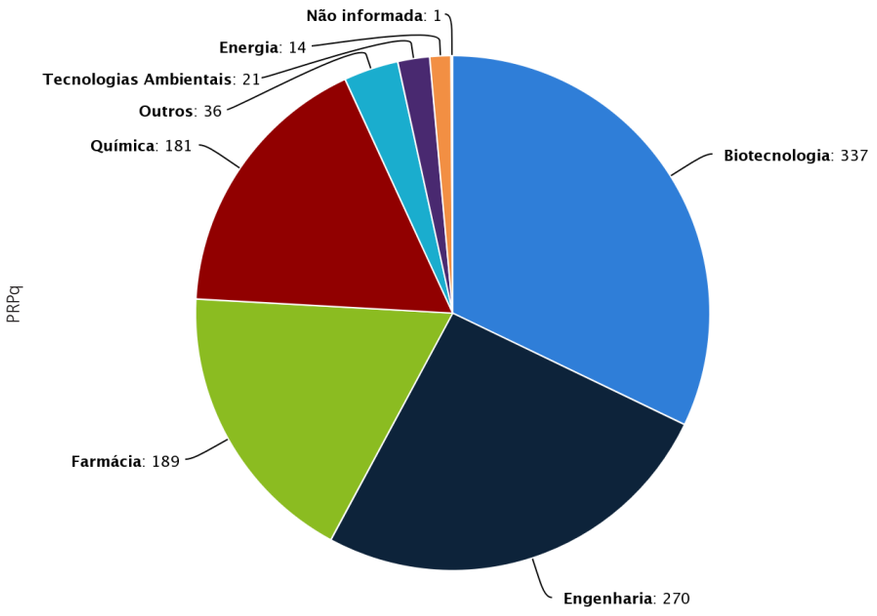
Segundo o professor Marco Aurélio Crocco, diretor recém-empossado do BH-TEC, os planos de sua gestão incluem fortalecer ainda mais os laços com a UFMG e consolidar seu protagonismo no ecossistema mineiro de inovação. "Há margem para aprimorarmos nossa atuação, que tem foco na transferência de tecnologia da Universidade, no crescimento das empresas, no apoio a políticas públicas e ao desenvolvimento econômico", afirma Crocco.

Em 2018, o faturamento das empresas residentes no BH-TEC foi de R$ 170,3 milhões, com investimentos de R$ 32 milhões. Os impostos recolhidos somaram R$ 25,6 milhões, e as exportações, R$ 15,1 milhões.

Colaboração

O esforço de inovação realizado na UFMG contou, nas últimas décadas, com forte apoio de agências de fomento, como a Capes, a Finep, a Fapemig e o CNPq – a Universidade é a quinta instituição brasileira em número de pesquisadores que recebem bolsas de produtividade do CNPq. Uma das medidas dessa produtividade está nos números relacionados a publicações. De acordo com a Pró-reitoria de Pesquisa, nos últimos dez anos, 22.375 professores e pesquisadores da UFMG publicaram 31.927 artigos, que tiveram 338 mil citações. Vinte e oito por cento dessas publicações foram fruto de colaboração internacional. O caráter inovador dessa produção se revela, por exemplo, em coautorias com empresas como Petrobras, HP, Vale, Microsoft, IBM e GlaxoSmithKline. Os dados compilados pela PRPq mostram também que, desde 2006, 991 patentes internacionais citaram a produção científica da UFMG.

Patentes por área



Foca Lisboa | UFMG

Tela de Álvaro Apocalypse que será exposta na Reitoria

Sonho e realidade em **APOCALYPSE**

Multiartista e ex-professor da Escola de Belas Artes é homenageado com exposição de desenhos e pinturas no saguão da Reitoria

Nesta segunda-feira, 14, às 18h, a Diretoria de Ação Cultural da UFMG inaugura, no saguão do prédio da Reitoria, a exposição *Sonho e realidade: homenagem a Álvaro Apocalypse*. Uma sala especial vai abrigar desenhos e pinturas do artista plástico e professor da Escola de Belas Artes, falecido em 2003, e de 16 de seus ex-alunos da década de 1970. A exposição tem entrada franca e pode ser visitada de segunda a sexta-feira, das 8h às 18h, até o dia 30 de março de 2020.

Fundador, em 1970, do Giramundo, grupo de teatro de bonecos, Álvaro Apocalypse também foi pintor, ilustrador, gravador, desenhista, diretor de teatro, cenógrafo, museólogo e publicitário. Sua carreira como docente foi iniciada em 1959 na Escola de Belas Artes, onde se tornou professor titular em 1981. Um de seus alunos, Geraldo Roberto da Silva, teve a ideia de montar a exposição em sua homenagem depois de ter sonhado com o antigo mestre. "Sonhei com Álvaro e senti que ele me passou uma incumbência, não obrigatória, mas uma sugestão agradável. Acordei com a ideia batucando na minha cabeça. E hoje estamos aqui, cumprindo a boa sugestão que recebi", conta.

A exposição, que tem curadoria dos professores da Escola de Belas Artes Beatriz Coelho e Fabricio Fernandino, também tem obras de ex-alunos de Apocalypse: Canuta Duque, Claudia Marinuzzi, Elizabeth Calil, Erli Fantini, Geraldo Roberto da Silva, José Alberto Nemer, Joyce Brandão, Liliane Romanelli, Lúcia Marques (*in memoriam*), Márcia Meyer Guimarães, Maria José Vargas Boaventura, Olímpia Couto, Rosângela Ferreira, Rosana Mendes Campos e Thalma de Oliveira.

De acordo com os curadores, a homenagem se pauta em um corte histórico, pontuando, por meio de uma linha do tempo, a evolução da obra desse mestre do desenho. As obras foram cedidas pelo Acervo Artístico da UFMG, pelo acervo de Apocalypse e pelo Grupo Giramundo, além de coleções particulares e de familiares do artista plástico.

A data de abertura da exposição, às vésperas do Dia do Professor, também foi intencional, segundo os curadores. "Trata-se de uma ação simbólica, por meio da qual a UFMG estende a todos os professores o reconhecimento do papel fundamental de cada um para a formação de pessoas preparadas para a vida e construtores de uma nação mais justa e democrática."

Trajetória

Álvaro Brandão Apocalypse (1937-2003) estudou litografia e gravura em metal na Escola Guignard e iniciou o curso de Direito na UFMG, em 1956. Três anos depois, passou a integrar o corpo docente da recém-criada Escola de Belas Artes da UFMG, lecionando disciplinas de Desenho e Pintura. Tornou-se professor titular em 1981, participando efetivamente da vida artística dentro e fora da universidade, até a sua aposentadoria.

Em 1970, Apocalypse fundou o Grupo Giramundo, de teatro de bonecos, instalado por um longo período nas dependências da UFMG. O grupo tem, até hoje, presença marcante em edições do Festival de Inverno da Universidade, com produções de peças de sucesso e reconhecidas internacionalmente.

[Com Assessoria de Comunicação da Diretoria de Ação Cultural]

Grupo Giramundo

O artista e suas criações do Grupo Giramundo

DOAÇÃO DE AULAS

Professores e estudantes do Programa de Pós-graduação em Bioquímica e Imunologia do ICB lançaram o projeto *Doamos uma aula*, que oferece aulas de biologia para escolas do ensino fundamental e médio. Com duração aproximada de uma hora, as aulas podem ser solicitadas pelo e-mail *colposbiq-imu@icb.ufmg.br.*

Coordenada pela professora Leda Quercia Vieira, a iniciativa foi inspirada em projeto criado na UFRJ. Não há restrição aos temas que serão abordados, e qualquer professor ou estudante de pós-graduação do ICB que se interessar e tiver disponibilidade pode participar como orientador dos estudantes.

"Compartilhamos a convicção de que o conhecimento produzido pela pesquisa acadêmica deve ultrapassar os portões das universidades e estamos dispostos a doar uma parte de nosso tempo e conhecimento à sociedade", afirma a professora Leda.

FALTAM 34,4 MILHÕES

Após o desbloqueio, em 30 de setembro, de parte dos recursos contingenciados em maio pelo governo federal, a UFMG continua trabalhando pela liberação de R$ 34,4 milhões para completar o orçamento anual previsto em 2018 para despesas de custeio.

O valor desbloqueado (R$ 30,1 milhões) corresponde a 46,6% do que havia sido contingenciado pelo governo federal (64,5 milhões) e 14% do total da verba discricionária prevista para 2019 (R$ 215,2 milhões).

Segundo a reitora Sandra Regina Goulart Almeida, o recurso liberado possibilitará à Administração Central fazer repasses às unidades acadêmicas, que viabilizarão as atividades-fim da Instituição – ensino, pesquisa e extensão –, além honrar contratos referentes ao mês de setembro. A prioridade, no entanto, continua sendo a liberação integral dos recursos.

Os R$ 64,5 milhões da UFMG bloqueados em maio deste ano correspondem a 30% da verba discricionária, recurso usado na manutenção da infraestrutura dos campi, no pagamento de bolsas, de contratos com empresas terceirizadas, de contas de água e energia elétrica e de outras despesas de custeio e capital necessárias ao funcionamento da Instituição.

Quadro de Portinari restaurado pelo Cecor

'VIA SACRA' RESTAURADA

Recém-reaberta após obras que duraram quase dois anos, a Igreja São Francisco de Assis, localizada na Lagoa da Pampulha, volta a exibir a *Via Sacra*, obra de Cândido Portinari. O conjunto de 14 quadros foi restaurado pela equipe do Centro de Conservação e Restauração de Bens Culturais (Cecor) da UFMG.

De acordo com a professora Bethania Veloso, diretora do Cecor e coordenadora do processo de restauro, o trabalho foi de "intervenção minimalista", visando apenas à preservação do estado original dos quadros, que foram retirados da igreja em outubro de 2017 e encaminhados à UFMG a pedido da Arquidiocese de Belo Horizonte. Cerca de 50 pessoas, entre professores, alunos e técnicos de áreas diversas, atuaram voluntariamente. O conjunto de Portinari havia passado por outro esforço de restauração no Cecor, na década de 1990.

ESTUDANTES NO TRIBUNAL

Equipe de estudantes da Faculdade de Direito sagrou-se bicampeã da Competição Brasileira de Processo Civil no início deste mês, em Curitiba. Clarice Souza Zaidan, estudante do 10° período, foi uma das premiadas como melhor oradora.

A competição proporciona a vivência de alunos em julgamentos simulados entre um autor e um réu por meio de um caso fictício, em que o apelado deseja manter a sentença, enquanto o apelante pretende modificá-la. O caso em disputa envolvia a prestação de serviços entre uma imobiliária e um arquiteto.

A equipe, formada por estudantes a partir do quinto período, ex-alunos e professores, foi ao Paraná com 20 pessoas. A competição envolveu 24 universidades, públicas e privadas, de todo o país. Organizada pelo Instituto Brasileiro de Direito Processual Civil (IBDP), a disputa teve sua parte oral realizada no Tribunal de Justiça do Paraná.

LIVROS DE ARTISTA E A INFÂNCIA

A Biblioteca Central abriga, até 12 de novembro, nova exposição da Coleção Livros de Artista, com o tema infância. Cinquenta obras são agrupadas em categorias como formas e cores, animais, alfabetos, jogos e brincadeiras, livros animados, contos e livros para colorir. Um dos destaques é a série de pré-livros do italiano Bruno Munari, destinada a crianças que ainda não foram alfabetizadas.

As obras da mostra *Eu nunca leio, só vejo as figuras* – que empresata a frase do artista pop estadunidense Andy Warhol –, embora remetam ao universo infantil por causa de algumas características, não são todas adequadas para crianças. O visitante poderá encontrar livros de arte conceitual, minimalismo e da pop art, entre outros movimentos da arte contemporânea. Compõem a mostra nomes como o próprio Andy Warhol, Wlademir Dias Pino e Ziraldo.

O acervo da Coleção Livro de Artista, criada e mantida pela Biblioteca da Escola de Belas Artes e que completa uma década de atividades em novembro, tem mais de 1,5 mil livros. É o maior da América Latina.

Parte dos livros está disponível sobre uma mesa para consulta em horários predeterminados, com atendimento por bolsistas. Visitas podem ser agendadas pelo e-mail colesp@bu.ufmg.br ou pelo telefone (31) 3409-4615.

IDENTIDADE e a **CIDADE** existente

Em livro, professora da UFMG analisa a cultura arquitetônico-urbanística na América Latina entre os anos 1980 e 1990

Itamar Rigueira Jr.

Reprodução

Os Seminários de Arquitetura Latino-americana (SAL) tiveram sua primeira edição em 1985 e continuam ocorrendo, com frequência bianual. O quinto evento da série, realizado em 1991, em Santiago do Chile, tinha o objetivo de definir uma pauta comum para as intervenções em cidades do subcontinente. No livro *Tessituras híbridas: encontros latino-americanos em arquitetura e o retorno à cidade*, que inaugura o selo Incipit, da Editora UFMG, a professora Gisela Barcellos de Souza, da Escola de Arquitetura, mostra que o encontro foi marcado pelo entrelaçamento, na cultura disciplinar regional, de dois debates de matrizes conceituais distintas na revisão do Movimento Moderno, de meados dos anos 1980 ao início da década seguinte.

"Um deles está relacionado à construção de uma identidade latino-americana; o outro, à retomada do interesse pela cidade existente, por parte dos arquitetos-urbanistas, com base nos aportes da tipo-morfologia, que é a relação entre os tipos de edificação e as formas urbanas", diz a professora, que reproduz, no volume recém-lançado, tese de doutorado defendida na Faculdade de Arquitetura e Urbanismo da USP.

Segundo Gisela, para muitos dos participantes do SAL, a compreensão da tipo-morfologia como instrumental para o reconhecimento e caracterização de uma identidade latino-americana não chegava a ser algo novo, por ocasião da realização do quinto seminário. A arquiteta e historiadora Marina Waisman, por exemplo, considerada a grande intelectual da série de eventos, já havia analisado esse aspecto em livro, no início da década de 70, e continuou se dedicando ao tema, assim como arquitetos mais diretamente ligados ao Centro de Estudios de la Arquitectura (Cedla), criado em 1977, em Santiago.

A ideia de que o 5º SAL não representou ruptura com as edições anteriores é uma das hipóteses que orientam o trabalho de Gisela Barcellos. Outras duas teses centrais demonstradas no livro são a de que o evento de Santiago não se explica apenas pela história dos seminários – "insere-se em traduções culturais do debate tipo-morfológico que buscaram vínculos latino-americanos para sua legitimação" – e a de que esses encontros e traduções culturais possibilitaram "hibridações de conceitos e a construção de representações sobre a morfologia de uma cidade latino-americana e a forma de intervir-se nela", como escreve a autora, que se graduou na Universidade Federal de Santa Catarina e cursou o mestrado na Universidade Paris 8, no campo das teorias e dispositivos do projeto arquitetônico e urbano.

Centros históricos e periferia

Uma das motivações centrais para a organização do 5º Seminário de Arquitetura Latino-americana foi provocar a reflexão sobre a deterioração do espaço urbano. Os arquitetos se propunham a investigar situações típicas, como os centros históricos e a periferia. De acordo com Gisela Barcellos, enquanto na Europa as áreas históricas eram percebidas como consolidadas e a atuação dos urbanistas pautava-se por manter a memória, na América Latina esses centros foram marginalizados, e a postura defendida nos SAL era a de conciliar a preservação do patrimônio com políticas habitacionais que reaproveitassem edifícios em processo de abandono. As periferias, por sua vez, que ainda não eram objeto de debate no continente europeu, eram percebidas como o lócus da própria identidade das cidades latino-americanas.

Gisela, que fez estágio doutoral na Universidade Católica do Chile, entrevistou 16 arquitetos em diversos países e consultou centenas de documentos, como exemplares das principais revistas de arquitetura do continente, que, por vários anos, tiveram atuação bem conectada com as temáticas dos seminários.

A pesquisadora observa que, nos anos 1980-90, as mudanças propostas pelos arquitetos opunham-se ao grande planejamento dos regimes autoritários então recém-depostos. "A atuação na cidade por partes representava uma forma de aproximar a arquitetura da escala do cotidiano, mas, a partir dos anos 90, o projeto urbano foi cooptado pelo mercado financeiro. Desvirtuou-se o conceito de cidade democrática", conclui Gisela Barcellos.

Livro: *Tessituras híbridas: encontros latino-americanos em arquitetura e o retorno à cidade*

Autora: Gisela Barcellos de Souza

Editora UFMG (selo Incipit)
322 páginas / R$ 75

EXPEDIENTE

Reitora: Sandra Regina Goulart Almeida – Vice-reitor: Alessandro Fernandes Moreira – Diretora de Divulgação e Comunicação Social: Fábia Lima – Editor: Flávio de Almeida (Reg. Prof. 5.076/MG) – Projeto Gráfico: Marcelo Lustosa – Diagramação: Guilherme Martins – Revisão: Cecília de Lima e Josiane Pádua – Impressão: Imprensa Universitária – Circulação semanal – Endereço: Diretoria de Divulgação e Comunicação Social, campus Pampulha, Av. Antônio Carlos, 6.627, CEP 31270-901, Belo Horizonte, Minas Gerais, Brasil – Telefone: (31) 3409-4184 – Internet: *http://www.ufmg.br* e boletim@cedecom.ufmg.br. É permitida a reprodução de textos, desde que seja citada a fonte.

UFMG